



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 3, número 1, jan-abr 2014

A ESTILÍSTICA DO NORDESTINO: A REPRESENTAÇÃO DO FALAR DO SERTANEJO NA CANÇÃO “A VOLTA DA ASA BRANCA”, DE LUIZ GONZAGA E ZÉ DANTAS



BRAZIL NORTHEASTERN SYLISTICS: THE REPRESENTATION OF SPEECH OF THE COUNTRY PERSON IN THE SONG “A VOLTA DA ASA BRANCA” LUIZ GONZAGA AND ZE DANTAS'

Danielle Sousa SILVA
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 09/04/2014 • APROVADO EM 27/10/2014

Abstract

Based on Stylistics Descriptive of Charles Bally, we propose to analyze the song “A volta da Asa Branca”, by Luiz Gonzaga and Zé Dantas. There with, we aim to observe the effect that the stylistic features, these are figures of speech or deviations, cause in people who have contact with the song. Notably, we could conclude that the style, choice of words and possible combinations between them, is what determines the degree of expressiveness and affectivity of what is proposed to be presented, in this case, the history and the culture of the northeast.



Ao tomarmos como base a Estilística Descritiva de Charles Bally, propomo-nos a analisar a canção A volta da Asa Branca, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas. Com isso, temos como objetivo, observar o efeito que os recursos estilísticos, sejam estes as figuras de linguagem ou desvios, causam nas pessoas que têm contato com a canção. Notadamente, nos foi possível concluir que o estilo, a escolha das palavras e as possíveis combinações entre estas, é o que determina o grau de expressividade e afetividade do que se propõe a ser apresentado, que é, neste caso, a história e a cultura nordestina.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Descriptive Stylistics. Figures of speech. Style.

PALAVRAS-CHAVE: Estilística descritiva. Figuras de linguagem. Estilo.

Texto integral

Introdução

Objetiva-se no presente trabalho explorar os efeitos causados por meio dos recursos estilísticos encontrados na canção **“A Volta da Asa Branca”**, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, fazendo um paralelo entre esta e a canção **“Asa Branca”**, de Gonzaga. Tomaremos como base teórica a Estilística descritiva de Charles Bally, a qual se propõe a analisar e compreender o fenômeno da expressividade como resultado de motivações afetivas. Por conseguinte, surge nesta disciplina, o intuito de explorar os fatos afetivos que influenciam na escolha das palavras. Trataremos também da Estilística idealista, posto que, juntamente com a Estilística descritiva, constituem as duas principais vertentes estilísticas. Buscaremos analisar a linguagem regionalista encontrada na canção para observar os efeitos que elas causam nos ouvintes ou leitores. Escolhemos por explorar esta canção devido à sua riqueza estilística, e também pela importante figura de Luiz Gonzaga no cenário nordestino e brasileiro, sua influência e talento com as palavras.

A Estilística está ligada à estética da palavra, como também ao efeito que se busca produzir no leitor através do estilo. Entende-se por estilo, segundo Murry (1949, p. 65 apud MONTEIRO, 2005, p. 42): “qualidade de linguagem, peculiar ao escritor, que comunica emoções ou pensamentos”. Para ele, essa definição se restringe ao termo estilo, quando aplicado no uso individual da linguagem. O estilo seria, então, a escolha linguística feita pelo autor, ou para tornar seu texto mais informativo, ou para expressar sua afetividade. Pode também ser visto como um modo de expressão de um dado período da história, como características que, de alguma maneira, pertençam a escritores que constituem uma mesma escola literária, ou também, o estilo pode ser concebido como aquilo que distingue um autor dos demais.

Apesar de vários povos terem contribuído para o que hoje conhecemos como Estilística, deve-se buscar suas origens na Grécia, já que foram os gregos que mais influenciaram e contribuíram nas teorias da linguagem. Assim, considerando que o conceito dado à Estilística depende de sob qual concepção ela seja abordada, podendo ser esta uma concepção poética ou retórica, deter-nos-emos ao sistema aristotélico, no qual Aristóteles faz uma distinção entre essas duas perspectivas.

A *Retórica* é tida como a arte que compreende o discurso em todos os seus níveis, a arte da palavra que se destina a ampliar os efeitos sobre o público, dando destaque ao uso expressivo da linguagem. A *Poética*, por outro lado, atém-se aos estudos literários relacionados ao processo de versificação dos textos e os componentes teóricos dos quais são formados.

A partir disso podemos analisar a Estilística como disciplina que se divide em duas direções: A Descritiva e a Idealista. A primeira ligada ao que compõe o discurso e a segunda concentrada na intuição, sendo que estas se distinguem pelo foco que dão ao texto. Quanto ao que se refere a estas vertentes, discutiremos, inicialmente, a Estilística Descritiva de Charles Bally, tido como o criador da Estilística, pois antes dele os estudos sobre estilo eram feitos apenas com o intuito de complementar a gramática.



A Estilística Descritiva, que utilizaremos ao longo do trabalho, ocupa-se dos aspectos afetivos da língua. Bally vê os fenômenos relacionados à expressividade como resultado de motivações de cunho afetivo. Ele divide a Estilística em três campos: Linguagem geral, Estilística da langue e Estilística da parole.

Na linguagem geral têm-se os universais linguísticos, que correspondem às propriedades que todas as línguas têm em comum, aos quais damos destaque para quatro: a arbitrariedade, a dualidade, a descontinuidade e a produtividade. O caráter análogo da língua, neste caso, seria resultado de um componente inato do qual o ser humano é dotado.

Na Estilística centrada na langue, temos uma determinada língua sistematizada de modo a servir para todos os usuários dela - nos é permitido, aqui, fazermos um paralelo com a Linguística da língua de Saussure, da qual Bally foi discípulo. Para Saussure, a língua é um fator social, por isso é passível de ser estudada como um sistema, uma vez que é esse sistema que permite a comunicação no mesmo âmbito em que há a individualidade de cada pessoa no ato da fala.

Por outro lado, no que diz respeito à concepção estilística focada na parole, há destaque para o uso individual da língua, sua maneira de se expressar por meio da linguagem. Saussure esboçou em seus estudos a existência de uma Linguística da parole, no entanto, não se deteve a essa. A *parole* - fala - é para Saussure, um elemento que não serve como objeto de estudo justamente pelo seu caráter individual e pela impossibilidade de pressupor o modo pelo qual o falante irá compor a sua enunciação.

Em Bally, os estudos sobre os fenômenos expressivos contidos nas palavras surgiram da necessidade de ver a comunicação verbal como algo que vai além da transmissão de conteúdos. Buscava-se identificar o que havia de afetivo na comunicação e foram justamente esses os componentes afetivos que vieram a se tornar o objeto de estudo da Estilística.

A Estilística vem, assim, dar espaço aos elementos que foram deixados de fora na Linguística saussuriana. Começa por se deter ao discurso e parte para os

componentes afetivos que o constitui; e, ainda, passa a dar destaque ao discurso engendrado por meio de intenções estéticas, sobretudo com relação à obra literária.



Estilística idealista

A Estilística idealista volta-se para a produção literária, levando em conta a reflexão, de cunho psicológico, para explicar os desvios ocorridos na linguagem. Croce, criador do idealismo estético, defende a ideia de que o caráter autônomo que a obra possui é resultado da manifestação do espírito humano dotado de todo o conhecimento.

Na sua concepção acerca da poesia, Croce rejeita a teoria mimética, posto que, apesar da expressão poética corresponder à exteriorização dos elementos afetivos do autor, a obra poética não pode imitar o sentimento propriamente dito. De acordo com Croce (1967, p. 11 apud MONTEIRO, 2005, p. 16): “a poesia não pode copiar ou imitar o sentimento porque este, que tem força por si mesmo, em sua esfera, não tem forma diante dela”. Outros estudiosos contribuíram para a expansão da Estilística Idealista, como por exemplo, Humboldt, Bergson e Spitzer. Iremos nos ater, contudo, somente ao método spitzeriano, conhecido como o Círculo filológico. Segundo Monteiro (2005), esse método toma como base o pressuposto de que os estudos estilísticos devem surgir de dados intuitivos, para que a partir desses componentes da obra, possa-se compreender a sua essência na totalidade.

Spitzer, na Estilística idealista, começa do autor, do sistema expressivo e do caráter pessoal deste, para poder estudar a criação literária. Podemos então distinguir Spitzer e Bally quanto ao modo de analisar o estilo. Enquanto Bally se voltou para os fatos da língua, para o caráter coletivo da linguagem, Spitzer manteve seu foco nos fatos da fala; entretanto, os dois veem a língua como o reflexo do ser humano.

A título de resumo, temos essas duas vertentes, a Estilística descritiva e a Estilística idealista, como as principais orientações dos estudos estilísticos, não negando, porém, a existência de outras correntes estilísticas que daí surgiram. No

entanto, tomaremos como base para a análise da canção “A Volta da Asa Branca”, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, a Estilística Descritiva.



Luiz Gonzaga e Zé Dantas

Luiz Gonzaga do Nascimento, mais conhecido como o Rei do Baião, tem sua trajetória marcada por diversas canções que marcaram o cenário musical brasileiro. Ele cantou a história do povo nordestino, do qual era conterrâneo. Tornou-se, por assim dizer, a voz do povo nordestino, cantando o sofrimento, a seca e o descaso.

Gonzagão fez parcerias com outros artistas e emplacou vários sucessos. Entre essas parcerias estão Humberto Texeira e Zé Dantas, com o qual compôs a canção que exploraremos aqui. A parceria com Zé Dantas teve início em 1950, além da canção “A volta da Asa Branca”, também compuseram juntos “A dança da moda”, “Vem morena” e “Riacho do navio”.

Zé Dantas, nascido também em Pernambuco, era compositor, poeta e, em 1949, formou-se em medicina. Devido ao seu conhecimento com a cultura e poetas nordestinos, ele inseriu em várias músicas o humor nordestino, fazendo muitas crônicas sobre o sertão.

Em síntese, podemos ver esses dois artistas como representantes da cultura nordestina, servindo, sobretudo, como porta-vozes de um povo sofrido e esquecido. Eles cantavam a vida simples e guerreira dos nordestinos, tornando suas crenças, linguagem e costumes conhecidos por todo o Brasil. Aspectos como estes poderemos encontrar na música que analisaremos.

A Volta da Asa Branca

Vamos explorar esta canção de modo a analisar como os recursos estilísticos, nela encontrados, atuam fazendo com que esta possua caráter demasiado expressivo e de fácil entendimento, especialmente, para os nordestinos. Dando destaque também para a canção “Asa Branca”, fazendo um paralelo, para que se possa observar a intertextualidade que há entre essas canções.

É-nos possível notar a semelhança de tema entre elas, sendo que uma anuncia a ida do sertanejo para o sul, sertanejo este que foge da seca que reina na sua terra, na tentativa de obter melhores condições de vida. Por outro lado, na “A Volta da Asa Branca” há o sertanejo que ao saber de notícias de que há chuva no sertão, volta feliz e esperançoso, não só pela saudade do seu lugar de origem, mas também por reencontrar Rosinha, amor que deixou ao ir para o sul.

Na canção, percebemos a presença do regionalismo, visto como sendo o conjunto de particularidades encontradas na fala, que remetem à determinada região do país. Neste caso, as particularidades dialéticas caracterizam o falar do nordestino que vive no sertão. Segundo Sá (2013), as músicas de Luiz Gonzaga sempre exaltaram o falar do nordestino, mostrando o caráter oral e popular da língua.

Análise da canção

A Volta da Asa Branca

Já faz três noites
Que pro norte relampeia
A asa branca
Ouvindo o ronco do trovão
Já bateu asas
E voltou pro meu sertão
Ai, ai eu vou me embora
Vou cuidar da prantação
A seca fez eu desertar da minha terra
Mas felizmente Deus agora se alembrou
De mandar chuva
Pr'esse sertão sofredor
Sertão das muié séria
Dos homes trabaiador
Rios correndo
As cachoeira tão zoando
Terra moiada
Mato verde, que riqueza
E a asa branca
Tarde canta, que beleza
Ai, ai, o povo alegre
Mais alegre a natureza
Sentindo a chuva
Eu me arrescordo de Rosinha
A linda flor

Do meu sertão pernambucano
E se a safra
Não atrapaiá meus pranos
Que que há, o seu vigário
Vou casar no fim do ano.



Encontramos na canção metaplasmos que fazem alusão às marcas da oralidade, à linguagem coloquial dos nordestinos, são estes:

- **Síncope:** Trata-se da queda de fonema(s) no meio da palavra;
“Que *pro* norte relampeia”.
“Eu volto *pro* meu sertão”.
- **Prótese:** Tem-se aqui o acréscimo de fonema no início do vocábulo.
“Mas felizmente agora Deus se *alembrou*”.
“Eu me *arrescordo*”.
- **Apócope:** Supressão de fonema ou sílaba no fim da palavra.
“Sertão das *muié* séria
Dos *homes* trabaiador”.
- **Epêntese:** Refere-se ao acréscimo de fonema no meio do vocábulo.
“Eu me *arrescordo* de Rosinha”.

As palavras são postas na canção de modo a apontar termos próprios do regionalismo. Ao ler ou ouvir a canção, notamos que se trata da linguagem que o nordestino usa diariamente. Encontramos dois desses casos:

- **Iotização:** É um fenômeno no qual há troca do /lh/ pelo /i/.
“Sertão das *muié* séria
Dos homes *trabaiador*”.
“Não *atrapaiá* meus pranos”.
- **Rotacismo:** É um processo fonológico no qual há troca do /l/ pelo /r/.
“Vou cuidar da *prantação*”.
“Não *atrapaiá* meus *pranos*”.

A canção é assim construída não devido à falta de conhecimentos linguísticos e gramaticais dos compositores, mas foi escrita desse modo para causar um efeito no leitor/ouvinte. Esse jogo feito com as palavras mostra o falar do sertanejo, e este, estando ou não no seu lugar de origem, poderá sentir a expressividade da canção por causa do modo como ela é apresentada.

Há, na canção, desvios quanto à formação do plural. Entende-se por desvio, segundo Duarte (2013), algo que pode ser acrescentado ao pensamento do autor de modo que se possa produzir outro efeito, mais completo, que não seria possível se o desvio não fosse usado. A canção apresenta marcas da oralidade, em grande parte, devido a estes desvios.

“Sertão *das muié* séria
Dos *homes trabaia*ador”.
“As *cachoeira* tão zoando”.

- **Prosopopeia:** É a figura de linguagem que atribui características humanas a seres inanimados, também conhecida como personificação.

“Ouvindo o *ronco do trovão*”.
“Mais *alegre a natureza*”.

- **Metáfora:** Pode-se entender como a utilização de uma palavra no lugar de outra, de modo a relacionar aspectos de semelhança entre elas. É uma comparação subentendida.

“Eu me arrescordo de *Rosinha*
A linda flor
Do meu sertão pernambucano”.

Notamos que há intertextualidade entre “A Volta da Asa Branca” e a canção “Asa Branca”. Nesta última, há lamentações do sertanejo ao ter que ir para o sul, devido à seca do nordeste, tendo que deixar o seu lugar e a mulher amada. Mas no final da canção, ele anuncia a certeza do seu retorno assim que tenha, novamente, sinais de chuva. Na canção “A Volta da Asa Branca”, há o cumprimento da promessa feita à mulher amada, Rosinha. Ao saber da chegada do período

chuvoso no sertão, o sertanejo celebra, enche-se de esperança e volta para o seu lugar, no qual pretende cuidar do que deixou para trás e, ainda, casar com Rosinha.

Asa Branca

[...]
Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Então eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração
[...]
Hoje longe, muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão
[...]
Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na prantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração

A Volta da Asa Branca

Já faz três noites
Que pro norte relampeia
A asa branca
Ouvindo o ronco do trovão
Já bateu asas
E voltou pro meu sertão
Ai, ai eu vou me embora
Vou cuidar da prantação
[...]
Sentindo a chuva
Eu me arrescordo de Rosinha
A linda flor
Do meu sertão pernambucano
E se a safra
Não atrapaiá meus pranos
Que que há, o seu vigário
Vou casar no fim do ano.

É estabelecido um diálogo entre os textos tanto pela linguagem utilizada, quanto pelo conteúdo. Assim, o efeito de continuidade que há nas duas canções,

especialmente nos trechos acima, faz com que seja fácil identificar a relação que há entre elas.

Considerações finais

Com base no exposto, é possível concluir que todos os recursos usados na canção foram postos dessa maneira para representar o sertão, seu povo, como também os aspectos geográficos dessa região. Ao utilizar mecanismos linguísticos presentes na informalidade, os compositores não somente exploram uma realidade não tão agradável do sertão, mas também chamaram atenção para as pessoas que vivem nesse lugar. Por meio dos desvios na formação das palavras, a exposição do modo de falar nordestino, os compositores conseguiram aumentar o efeito expressivo da canção. Através do poder da palavra e da simbologia que carrega, esta canção consegue exalar o sentimento de orgulho e admiração, por parte dos compositores, pela sua terra e pelo povo que lá existe.

Referências

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. **Estilística ou Estilísticas?** Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/34/05.htm>>. Acesso em: 21 mai. 2013.

MONTEIRO, José Lemos. **A Estilística**: manual de análise e criação do estilo literário. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

SÁ, Edmilson José de. **A Linguagem do Rei Luiz**. Disponível em: <<http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/37/artigo265075-2.asp>>. Acesso em: 21 mai. 2013.

Para citar este artigo

SILVA, Danielle Sousa. A estilística do nordestino: a representação do falar do sertanejo na canção “A volta da asa branca”, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3, n. 1, p. 04-14, jan.-abr. 2014.

A autora

Danielle Sousa Silva é graduanda do curso de Letras da Universidade Regional do Cariri.